

S. TOMÁS MORO, mártir

Patrono de Políticos e Governantes

Resenha biográfica

“laicorum hominum decus et ornamentum”

(Pio XI)

S. Tomás Moro, é sem dúvida, um dos espíritos mais brilhantes da transição do século XV para o XVI, da Inglaterra e da Europa. Um “jurista” e pensador por quem Erasmo de Roterdão tinha uma grande admiração. Um Homem culto, cheio de personalidade e coerente até à morte. Nunca traiu a sua Fé. Por isso foi decapitado. A sua obra mais famosa que nos legou, e cuja leitura ainda hoje é actual, é a “Utopia”, onde esboça princípios de políticas humanistas de base cristã. Na realidade “Utopia” continua a ser de leitura obrigatória para todos os que se interessam pelo bem comum, nomeadamente dos que querem fazer ou fazem da Política o seu modo de ser e de estar na sociedade ao serviço dos outros. Porém, Tomás Moro não foi um teórico da Ciência Política. Viveu esta de modo intenso, sempre iluminado pelo seu cristianismo. Como hoje se diz, Tomás Moro, nunca foi “politicamente correcto”. Agiu sempre de acordo com a sua consciência, aferida por um cristianismo profundo e consistente. E viveu assim até ao martírio.

S. Tomás Moro foi um cristão político digno de ser imitado ainda hoje. Um virtuoso homem de Estado. Um servidor sério e comprometido do seu Rei, mas agindo sempre dando prioridade a Deus e aos seus compromissos baptismais. Um humanista de referência. Promotor do bem comum. Um Pai modelo (quis que tanto os seus filhos como as filhas tivessem a mesma esmerada educação). Exemplar como jurista e legislador. Um defensor dos pobres e da liberdade religiosa.

“Há séculos que S. Tomás Moro tem inspirado uma sincera veneração dos cristãos. É também um dos santos cuja vida e obra tem recebido mais atenção no mundo da cultura e da política, atenção que se reflecte em numerosos estudos escolares e num sempre crescente interesse no mundo da academia e do mundo dos negócios. A bibliografia académica está em constante crescimento” (...) (in Petição dirigida a João Paulo II para a proclamação de S. Tomás Moro como Patrono dos Governantes).

S. Tomás Moro nasceu em Londres, em 7 de Fevereiro de 1478 e nesta cidade iniciou os seus estudos. Entre 1492 e 1494 estudou em Oxford e direito na Lincoln`s Inn. Foi sempre um aluno brilhante e de uma enorme cultura. Em 1504 torna-se membro do Parlamento e em 1518 entra ao serviço do Rei Henrique VIII que sempre serviu com lealdade mas sempre com os olhos postos em Deus a quem dava primazia. Em 1521 foi nomeado Vice-Tesoureiro do Reino e o Rei agraciou-o com o título de Cavaleiro. Em 1526 entra em conflito com o seu Rei por causa da questão do divórcio deste com Catarina de Aragão e o casamento com Ana Bolena. Em 1532, fiel ao seu pensamento e à sua Fé, Tomás Moro renuncia à chancelaria do reino, cargo que vinha ocupando desde 1529, recusando-se a participar na coroação de Ana Bolena. Este facto vai servir ao Rei para o acusar de corrupção. Foi julgado e condenado à pena capital em 1535 (6 de Junho).

Tomás Moro deixou-nos uma vasta e preciosa obra escrita, merecendo particular destaque o ainda hoje famoso “Utopia”.

Foi casado duas vezes, tendo deixado descendência.

Beatificado por Leão XIII em 1886, em Florença.

O Papa Pio XI canonizou-o em 1935, tendo-o definido e apresentado como um modelo da integridade moral para todos os cristãos.

S. João Paulo II, nomeou-o Padroeiro de Governantes e Políticos no ano 2000, em 31 de Outubro, após uma petição entregue ao Papa pelo Presidente italiano, Francesco Cossiga, com centenas de assinaturas de governantes, parlamentares e políticos.

Celebra-se a sua festa em 6 de Julho, na Igreja Anglicana e em 22 de Junho na Igreja Católica.

A vida de S. Tomás Moro deu mote para um filme de grande sucesso: “Um homem para a eternidade” (em 1966, com realização de Fred Zinnemann e interpretado por Paul Scofield), filme que recebeu seis Óscares, incluindo o Óscar de Melhor Filme.



MILITIA SANCTÆ MARIÆ
CAVALEIROS DE NOSSA SENHORA